



GT 75. Retomadas e re-existências indígenas e negras

Coordenador(es):

Cauê Fraga Machado (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sandro José da Silva (UFES - Universidade Federal do Espírito Santo)

Sessão 1

Debatedor/a: João Daniel Dorneles Ramos (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 2

Debatedor/a: Luiza Dias Flores (UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

Sessão 3

Debatedor/a: Sonia Regina Lourenço (Universidade Federal de Mato Grosso)

A antropologia vem tradicionalmente tratando territorialidades negras, quilombolas e indígenas – especialmente do Nordeste – nas chaves analíticas da invenção da tradição, da etnogênese, da fricção interétnica, da reminiscência e da plasticidade identitária. Esses conceitos, além de estarem, na maioria das vezes, atrelados a relação desses coletivos com o Estado-nação, privilegiam apenas as relações políticas entre agentes humanos. Etnografias mais contemporâneas, vêm apresentando dados nos quais categorias nativas como as de retomada e resistência – não apenas como reagente, mas como re-existir – territorial e existencial, quando tomadas como conceitos descrevem diferentes vínculos entre actantes dos mais diversos modos de existência. Esses entes produzem reflexões cosmopolíticas e modos de agir com (ou contra) o Estado-nação de modos antes insuspeitos. Não pela via da memória ou da prova, mas pela cosmologia e relacionalidade estendida a todos existentes, recupera-se algo dado como perdido, inexistente. São “identidades” e territorialidades que sempre existiram, mas estavam aguardando momento propício para se realizar, retomando terras, práticas, contato com seres, objetos, linguagens sem que essas nunca tenham sido perdidas de fato. Nesse GT, privilegiaremos trabalhos etnográficos e reflexões teóricas acerca desse novo cenário no qual indígenas e coletivos negros reclamam sua existência.

Aquilo ?que sempre existiu?: quilombo como re-existência

Autoria: Cauê Fraga Machado (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Em contraposição à ideia proeminente de que a ?reminiscência quilombola? está atrelada à diferentes grupos envolvendo interesses por recursos, o Povo do Evaristo se vale de outros equacionamentos para reativar a noção de quilombo como re-existência. Assim, os quilombolas da Serra do Evaristo/CE, definem e defendem sua existência a partir do que chamam de ?provas?: i) o território que ocupam é um cemitério indígena e, ii) a permanência de tradições católicas ligadas a conformação da paisagem específica do quilombo ? especialmente a novena à Imaculada Conceição e a Dança de São Gonçalo. Participar do ser católico local, e remeter-se à descendência de indígenas, são, portanto, ?prova que são quilombolas mesmo?. Essa articulação, pode ser feita a partir da noção nativa de que ?tudo sempre existiu?, esse tudo fica por vezes ?adormecido? e pode ser ?reacendido? de acordo com diferentes acontecimentos que fazem lembrar do ?tudo sempre existente?. Nessa comunicação, pretendo, a partir de material etnográfico, estender tais ideias para além do contexto local, propondo um modo mais geral de pensar os chamados ?quilombos contemporâneos?, mediante noções como re-existência e reativação, deixando em aberto as possibilidades de equacionamentos existenciais que o termo pode carregar diante de cada caso etnográfico. Assim, ser quilombola, pode significar ancestralidade africana, indígenas, de santos, de escravos negros e índios, ou do



que mais cada coletivo considerar e mobilizar como ?prova? do quilombola sempre foram.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: